



ESCRITAS PROTESTANTES E RELAÇÕES DE GÊNERO EM CAMPINA GRANDE – PARAÍBA¹

Cleófas Lima Júnior²

RESUMO

Neste artigo analisamos as representações femininas e masculinas no protestantismo de Campina Grande tomando como referência a primeira igreja protestante da cidade, a Igreja Evangélica Congregacional, na releitura da escrita de Sarah Pouth Kalley (2005), em Iraci Silva Mendonça (2007).

Palavras-chave: Escritas Protestantes, Relações de Gênero e Protestantismo.

INTRODUÇÃO

Objetivamos analisar as imagens femininas e masculinas no protestantismo de Campina Grande tomando como referência a primeira igreja protestante da cidade, a Igreja Evangélica Congregacional. Primeiramente, na releitura da escrita de Sarah Pouth Kalley (2005), missionária pioneira do congregacionalismo no Brasil, que em seu livro *Alegria da Casa*, escrito em 1866 no Rio de Janeiro, legitimou um ideal de mulher protestante em que a casa era o seu império e espaço de reclusão. Desse modo, a mulher tinha o dever de torná-la um lugar de harmonia. Em Iraci Silva Mendonça (2007), as memórias do seu ministério ao lado do marido, pastor congregacional, reafirmou a centralidade da sua identidade no amor ao ministério, marido e filhos. E observarmos como estas escritas legitimam imagens idealizadas das mulheres protestantes congregacionais e de uma masculinidade hegemônica.

¹ Este artigo é resultante de uma parte do segundo capítulo da minha dissertação intitulada *As Práticas e Representações Femininas no Protestantismo de Campina Grande: A Igreja Evangélica Congregacional (1927-1960)* no Programa de Pós-Graduação em História da UFPB sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Ferreira Pinheiro, sob o auxílio de Bolsa da CAPES.

² Graduação em Bacharel Em Teologia - Seminário Teológico Evangélico Congregacional (2005), Licenciatura Plena em História - Universidade Estadual da Paraíba e mestrado em História pelo Programa de Pós-graduação em História da UFPB com área de concentração em História e Cultura Histórica

A análise dessas escritas e imagens das relações de gênero será norteadas pelo pensamento elaborado por Silveira (2007, p.42), de que tratamos das experiências vividas pelas mulheres e homens congregacionais e os sentidos que estes produziram sobre o mundo. Mostrando como estes sujeitos construíram sistemas simbólicos e de cognição, com a produção de artefatos materiais através de processos de produção, circulação, transmissão e recepção dos saberes e fazeres criativos das relações de gênero.

Essas escritas também foram pensadas como um constructo na perspectiva das relações de gênero, em que ressaltamos o caráter social e cultural das diferenças baseadas no sexo, afastando-nos da naturalização, ainda que estejamos atentos à hierarquia nas relações entre mulheres e homens congregacionais, que foram tecidas em relações de poder. Olhamos para os significados subjetivos e coletivos, em que essas mulheres e homens teceram suas identidades através de relações contraditórias (PEDRO; SOIHET, 2007, p.288, 290).

É importante destacar essas escritas como resultado das tradições protestantes inventadas ao logo do tempo, que contribuíram para a construção das identidades congregacionais normatizadas em variadas partes do Brasil. Por exemplo, a escrita de Sarah Pouth Kalley, oriunda da segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro, influenciou consciente e inconsciente o imaginário protestante em Campina Grande na Paraíba.

1. Sarah Pouth Kalley e “A Alegria da Casa”

A escrita de Sarah Pouth Kalley nos remete, primeiramente, ao repensar de um saber histórico, que colocava a mulher tão somente como a boa esposa e auxiliar do marido. No caso de Sarah Kalley, ela era auxiliar do marido, Robert Reid Kalley, nas atividades missionárias. Mas, na perspectiva do estudo de Cardoso (2005a, p.121-134), ela foi um sujeito ativo na história do protestantismo e na formação da Igreja Evangélica Fluminense, em 1855, na cidade do Rio de Janeiro (a primeira igreja congregacional no Brasil). Ele incluiu Sarah na membresia da sociedade burguesa inglesa, protestante e puritana, sendo assim uma pessoa que trazia em sua experiência de vida a cosmovisão de um projeto civilizatório protestante e anglo-saxão.

Destacou que Sarah e Robert Kalley vieram ao Brasil a partir da leitura do livro do missionário metodista Daniel P. Kidder, “*Reminiscências de Viagem e Residência no Brasil*”. O casal ficou impressionado com o “estado espiritual e moral” do país, como também com a forma elogiosa e agradável com a qual Kidder apresentava a cidade do Rio de Janeiro, falando das casas, ruas e belezas naturais. Chegando ao Brasil, Sarah enfrentou um forte choque cultural e ambiental: encontrou uma cidade marcada por crises epidêmicas, como a febre amarela e o cólera, que atingiam, principalmente, a população branca de imigrantes europeus; a situação sanitária era precária, resultando na propagação de doenças contagiosas; e a existência de

cortiços e seus habitantes. O choque adveio principalmente porque Sarah já estava conformada ao discurso moderno de ocupar a cidade de forma higiênica.

A estratégia evangelística montada por Robert Kalley visava alcançar as cidades de Petrópolis e do Rio de Janeiro de 1855 até 1858, com uma equipe de trabalho formada pelos casais que eram discípulos de Kalley, resultante da sua obra de evangelização anterior na Ilha da Madeira.³ A referida equipe era formada por algumas frentes de trabalho, que priorizavam a aproximação com todos os segmentos da sociedade sob a sua supervisão geral: eis as frentes: 1º) por conta da vocação médica, publicou artigos nos jornais com pregação; tradução de livros e apologética da fé protestante para aproximar-se da elite cultural, liberais, maçons e católicos, mantendo contatos constantes com elites políticas e sociais; 2º) a colportagem (vendas de tratados e livros protestantes) com os seus discípulos da Ilha da Madeira, no Rio de Janeiro e em Petrópolis, nas casas e estabelecimentos da população mais simples, tanto de estrangeiros como de brasileiros; 3) o culto doméstico em Petrópolis, na casa de Francisco de Gama e dos Kalley, na intenção de inserir o sagrado como parte do cotidiano das pessoas, também através da escola de música e da escola bíblica dominical.

Kalley, em suas tradições protestantes, recebeu influências de dois movimentos de despertar dos protestantismos europeus: do *Pietismo Alemão*, a partir do qual se apropriou da idéia das reuniões privativas organizadas por Philipp Spener, fundador do movimento, além da necessidade de viver na perfeição cristã, promovendo um processo constante de consagração; e do *Puritanismo Inglês*, com suas ideias de um regime disciplinar com normas imutáveis, para promover a salvação do indivíduo, com foco na família como espaço para vivenciar essa fé no cotidiano a partir da centralidade da Bíblia em tudo, ou seja, de um bibliocentrismo (CARDOSO, 2001, p.120-121, 126).

É interessante constatar que Sarah Kalley participou ativamente dessa estratégia de evangelização dos brasileiros como professora da Escola Dominical; na liderança da colportagem; com a preparação de sermões para os presbíteros da Igreja na ausência de Robert Kalley; nas reuniões de liderança da Igreja; no culto doméstico, seja na direção, nos momentos de ausência do marido, ou organizando as músicas. A produção de Sarah Kalley abrangeu tanto no âmbito da literatura quanto o da tradução de textos. Além disso, ela realizava revisões dos artigos do marido, que eram enviados para os jornais. Também escreveu em 1866 o livro *A*

3 O casal Kalley convida esse grupo de portugueses da Ilha da Madeira que tinham fugido para Illinois, nos EUA, por terem aderido a fé protestante. O convite se deu porque falavam a língua portuguesa e assim, podiam realizar o culto protestante em português.

Alegria da Casa, para ser utilizado no trabalho de colportagem. Em 1880, João Manoel Gonçalves dos Santos, pastor brasileiro que substituiu Kalley na Igreja Evangélica Fluminense em 1876, escreveu ao casal Kalley, avisando que o *Conselho de Instrução Pública* aprovou o livro de Sarah para utilização nas escolas, conforme nos informa Cardoso (2005a, p.183-213; 2005b, p.14).

A obra de Kalley foi escrita quando ela formava a *Sociedade de Senhoras* da Igreja Evangélica Fluminense. Nesse momento, Kalley transgrediu as normas aceitas e consagradas no inconsciente coletivo da sociedade brasileira da época. Como sabemos, havia a proibição de a mulher assorciar-se e participar de reuniões sem a presença de seus responsáveis (pais, maridos ou irmãos). Sarah buscou construir esse espaço a partir de dois princípios: 1º) o treinamento individual e coletivo das mulheres, discipulando-as para tornarem-se agentes de transformação da Sociedade de Senhoras; 2º) a realização de forma silenciosa de vários projetos evangelísticos e sociais, procurando não divulgar suas ações para evitar conflitos. Através de visitas aos membros da *Sociedade de Senhoras*, educou-as e ensinou-as a discipular, com base num programa de discipulado protestante. O seu propósito era produzir nestas mulheres um forte senso ético, que ordenasse seu cotidiano, em conformidade com a tradição puritana de ter a Bíblia como referencial central em todos os aspectos da vida, possibilitando a essas mulheres a oportunidade de serem reprodutoras de uma nova ética (a protestante), em seus lares e nos outros espaços sociais que frequentassem (CARDOSO, 2005a, p.214-232).

As imagens femininas e masculinas tecidas por Sarah Kalley na segunda metade do século XIX, na particularidade da Igreja Evangélica Fluminense, formaram tradições protestantes que foram repetidas e ressignificadas em outras igrejas no Brasil, como nas igrejas congregacionais em Pernambuco e em Campina Grande. Mesmo que informalmente e sem um contato mais íntimo com essa escrita, as mulheres congregacionais repetiram os gestos, conselhos e práticas de ordenação do cotidiano através dessa ética protestante. A partir da perspectiva de Chartier (1990, p.16-17), propomos identificar o modo como foram construídas, pensadas e lidas as representações femininas do mundo social protestante congregacional, em Campina Grande, e suas múltiplas relações com essas tradições através da escrita de Sarah Kalley.

Nesta escrita de Sarah Kalley, apreendemos que essas tradições estão em consonância com a ética protestante indicada por Weber em sua obra (2005, p.38, 68, 116, 119, 122, 125-127), segundo a qual o protestantismo não eliminou o controle sobre a vida cotidiana dos fiéis, mas o substituiu por uma nova forma de controle. Um novo controle em favor de uma regulamentação da conduta como um todo, que penetrava em todos os setores da vida pública e privada com uma imposição mais severa. Essa nova forma de controle desposava a ideia de vocação como dogma central. Segundo o referido dogma, o único modo de vida aceitável para Deus não estava mais na separação da *“moralidade mundana pelo ascetismo monástico”*, mas unicamente no cumprimento das obrigações impostas por sua

posição no mundo para glorificar a Deus em tudo. Esse dogma da vocação foi intensificado nas igrejas protestantes com os movimentos de renovação do puritanismo, pietismo e metodismo. Avançou como algo que devia constituir o cotidiano da vida, não mais enclausurado nos mosteiros, mas penetrando na rotina da vida diária com sua metodicidade para amoldá-la a uma vida laica, no tempo presente, embora sempre com o fim de viver no mundo por vir.

Com essa postura, Sarah legitima a tradição analisada por Weber de que, para viver a sua vocação neste mundo, as mulheres tinham que administrar a riqueza ou despesas da família de forma lícita, como finalidade da vida. Seriam más quando conduzissem a tentação de gozar a vida no ócio e no pecado, para viver uma vida folgada e desocupada, em luxos. Dormir mais que o necessário para a saúde, e, assim perder tempo também era visto como uma forma de transgressão.

As práticas amorosas só eram permitidas no casamento, apenas como meio desejado por Deus para aumentar a glória dele, através da procriação. Recomendava-se ainda o cuidado com os esportes, as danças e os bares dos homens, vistos como divertimentos que estimulavam o orgulho, os baixos instintos, o instinto irracional da aposta e o regozijo impulsivo da vida, pois a felicidade estaria no reino vindouro de Deus. No ordenamento da ética dos protestantes puritanos, não era lícito compartilhar as festividades de Natal nem as artes religiosas espontâneas: o teatro, com o seu apelo erótico e o vestuário sem decência, era veemente condenado. Havia, desse modo, na ética protestante, um processo de uniformidade da vida edificado sobre o repúdio à “idolatria da carne”.

Pensamos que a referida autora legitima essa ética estudada por Weber em seu estudo clássico sobre o protestantismo. Isto se verifica em sua escrita através de uma idealização da feminilidade protestante como identidade homogênea, natural, fixa e divina, que operou exclusão e delimitação das mulheres ao espaço da casa, submetidas e obedientes ao homem.

Kalley buscou elucidar em seu livro a tessitura do cotidiano das mulheres, em dez capítulos. A obra orienta as donas de casa a construírem uma casa moderna e higiênica. Sua primeira preocupação foi com *a cozinha limpa*, apropriando-se de um provérbio como verdadeiro: “cozinha asseada, casa asseada”. O lugar de preparo da comida de toda a família necessitava estar bem arranjado e limpo, porque considerava a cozinha o fundamento da casa, sendo desta feita mais importante que os quartos e as salas. Pontuou que era vergonhoso e representava desgraça para uma dona de casa ter a cozinha com o chão sujo, sem ser varrido todos os dias; as paredes e o teto com teias de aranha como se fossem cortinas; o fogão sujo; os armários com poeira e gordura. Isto porque, para Sarah, a limpeza da cozinha era mais importante do que a adornagem do corpo. Para ela: “... *ainda que esta [mulher] me aparecesse adornada dos mais ricos enfeites, e a sala de visita estivesse mobiliada com a maior elegância e primor, eu nunca desejaria ser condenada a passar nem um dia sequer em tal casa*”(KALLEY, 2005, p.72).

Em seguida, tratou de descrever os gestos da dona de casa para que, usando a razão e de forma metódica, tivesse uma cozinha digna de uma mulher decente. Em cada manhã, a cozinha deveria ser varrida, o fogão escovado, as cadeiras e mesas limpas, o que deveria ocorrer somente nos dias de serviço, com exceção do Domingo, por causa da proibição divina de trabalho nesse dia. Sobre o cuidado com as panelas, que deveriam ser lavadas e enxutas, logo após o uso, estas deveriam ser bem guardadas, para que a família tivesse saúde. Também falou do cuidado com as toalhas, tendo uma para lavar as mãos e outra para enxugar a louça, ressaltando ainda que uma vez por semana a cozinha deveria passar por uma limpeza geral. Para tanto, destacou que, se a mulher desejava ter uma casa prazerosa e saudável para toda a família, necessitava não ser preguiçosa nem descansada, pois isto era fruto de um trabalho racional e intelectual de domínio sobre o corpo. Lembrou as leitoras, na perspectiva de sua tradição puritana, do cuidado que deveriam ter com a higiene espiritual e a busca do divino: *“Nem havemos de esquecer-nos daquilo que deve sempre ter o primeiro lugar no arranjo da vida espiritual. O grande Mestre diz-nos: ‘Buscai primeiro o reino de Deus e a Sua Justiça’”* (KALLEY, 2005, p.73-74).

Essa escrita de Kalley possui um caráter educativo, destinado às mulheres na segunda metade do século XIX, inserido na expansão de novos ideais, que procuravam a “modernização” do Brasil, na qual a educação era apresentada como um instrumento de promoção da “civilização” e do “progresso”. Os pais tinham a responsabilidade de buscar uma educação baseada em valores como disciplina de comportamentos, controle das emoções, ética e moral, e capacidade de diferenciar o bem do mal. Também era dever dos pais que a educação contribuísse para o bem-estar da família e da sociedade, livrando seus filhos dos males sociais como a falta de instrução e projetando a sociedade ideal (MATOS; ALVES, 2006, p.175, 180).

No segundo capítulo, propôs a *necessidade de o quarto de dormir ser um lugar agradável*. Aqui, Kalley se apropriou do saber médico, destacando que boa parte da vida era vivida no sono, justificando a importância de observar o tipo de ar respirado durante esse tempo. Destacou, em seguida, a sua tristeza, porque na maioria das casas do Brasil não existiam quartos de dormir organizados, mas sim alcovas “sepultadas” no interior das casas, sem janelas e estreitas, que dificultavam a respiração, prejudicando, assim, a saúde da família. Afirmou que muitas moléstias tinham origem por conta desse costume de dormir, em que o ar puro não podia entrar de forma livre, causando dificuldade no processo de purificação do sangue pelos pulmões.

Sobre a mulher dona de casa, salientou o dever de seguir uma rotina organizada, com o tempo e os gestos bem demarcados para a produção de um quarto higiênico: a) ao acordar, submeter-se à providência divina em oração, com gratidão e súplicas por forças para os trabalhos do dia; b) depois de ter se lavado e vestido, fazer a leitura de algumas palavras da Bíblia como o guia divino perfeito para todos os dias da vida; c) retirar a roupa da cama, abrir as janelas, para que o quarto fosse bem arejado; o colchão deveria ser virado e a roupa da cama alisada

com perfeição; d) varrido o quarto, todos os móveis deveriam ser bem limpos e uma vez por semana o quarto deveria ser lavado com água e sabão (KALLEY, 2005, p.75-77).

No capítulo subsequente de sua obra, Kalley (2005) continua os seus ensinamentos sobre a necessária higienização nos outros cômodos da casa. Também criticou as mulheres que davam importância somente aos enfeites da sala: para Kalley, isto só produzia *“sentimentos de tédio e até repugnância”*, porque o prazer estava em entrar em uma sala que, mesmo pequena e simples, estava *“bem disposta e escrupulosamente bem limpa”*. Destacou a importância da sala de visita como a parte maior das casas, mas perguntou por que era tão pouco frequentada pela família. A autora, logo em seguida, responde que isto acontecia porque a sala de visita revelava a *“hipocrisia”* de muitas casas, que tinham a aparência de luxo para esconder a *“pobreza”* das outras partes da casa. Assim, definiu esta atitude como *“ambição pequenina e miserável”*, porque sacrificava *“o conforto às aparências”*. Ao entregar-se a tal *“conforto”*, a mulher era considerada *“culpada”*, por não cumprir o seu dever (KALLEY, 2005, p.78-79).

No capítulo quatro, Kalley elaborou ensinamentos educativos sobre o uso dos seus sentidos com a inteligência e metodicidade proporcionada pela tradição protestante, destacando a *necessidade das janelas e o exterior da casa serem limpos*. As donas de casa deviam cuidar que os vidros fossem limpos de toda poeira, porque representava uma *“glória dos moradores”*, como também um sinal de saúde. Recorreu a uma comparação de que os vidros limpos *“são para uma casa o que o céu claro é para o mundo”*. Argumentou sobre a importância da luz equiparando-se com a do ar puro na natureza, para que as plantas florescessem, e concluiu com a ideia da luz como providência divina. Continuou sua preleção com meticulosidade, abordando o cuidado em espanar uma vez por dia e lavar os vidros uma vez por mês, para que assim não se perdesse a *“beleza”* e *“a própria salubridade da casa”*. O mesmo cuidado ostensivo deveria se estender à conservação das tintas das portas, dos espelhos, das fechaduras, das maçanetas, dos fechos das portas e quanto à limpeza da frente da casa. Para tanto, aconselhou em prol da necessidade de um raspador para os pés na entrada da casa, e das donas de casa educarem os filhos e os maridos a usarem este utensílio antes de entrar na casa.

É interessante constatar que essa educação delimitava o lugar de submissão das mulheres com relação aos homens, pois aos filhos era facultado *“mandar”*, enquanto ao marido caberia apenas *“pedir”*. Este modelo educacional pretendia que as mulheres se transformassem em agentes da ética da higiene, a partir do cuidado com a casa saudável. Era necessário ainda o cuidado para que não se juntasse água perto da casa, porque resultaria em *“foco de moléstias”*, além de ser *“feio”* e *“pernicioso”*. Kalley concluiu que, por graça divina, as donas de casa tinham o poder de descobrir o que prejudicava a saúde da família pelo olfato, antes dos

olhos. Assim, descreveu o nariz como “a sentinela vigilante”, sendo importante o uso adequado do olfato para a saúde do corpo (KALLEY, 2005, p.80-81).

Tal educação feminina protestante participou de um contexto de transformações, que foram efetivadas em várias partes do Brasil a partir da segunda metade do século XIX, como aponta Costa (1983, p.110), quando destaca que a medicina se impunha como técnica de regulação do contato entre os indivíduos e a família. Essa preocupação no âmbito privado, na verdade, constituía-se em prolongamento da cidade urbanizada e limpa. A habitação antiga (ou residência colonial) tornou-se um constante alvo de críticas dos higienistas e urbanistas, uma vez que esse tipo de construção era marcado pela precariedade das suas instalações de água e esgoto. Havia também a precariedade de móveis e outros utensílios domésticos, resultando em espaços que propiciavam o desenvolvimento de doenças e focos de insalubridades, que acometiam todos os membros da família.

No capítulo cinco, Kalley (2005) discute acerca *da necessidade as despesas da casa*. Aconselhava, então, as mulheres pobres, que tinham o costume de “fazer compras diariamente e por miúdo”. Para ela, tal procedimento resultava na perda de muito tempo e de dinheiro. Kalley apresentou, pois, alguns princípios para que a mulher fizesse as compras da casa de forma inteligente, para que assim também ocupasse o espaço público que lhe cabia na sociedade: a) escolher um armazém em que os produtos fossem de qualidade; b) ter uma hora determinada e certa para fazer as compras; c) fugir de comprar “a prazo” para não depender do comerciante, estando atenta ao preceito divino segundo o qual “a ninguém devais coisa alguma senão o amor”, porque segui-lo geraria harmonia consigo mesma e com os outros; d) guardar as contas de todos os gastos para ter um controle maior no uso do dinheiro; e) não comprar produtos que não fossem de rigorosa utilidade, como frutas, gulodices, enfeites supérfluos e tabaco. Em seguida, tratou que muitas famílias pobres podiam gastar menos dinheiro com comida se esta fosse preparada com cuidado e racionalidade, na obediência de alguns princípios: a) não cozinhar as coisas depressa; b) não deixar coisa alguma de um dia para o outro nas panelas; c) cada casa deveria ter um guarda-comida de arame, pendurado, e em posição de melhor aproveitar o vento; d) não permitir que as crianças deixassem restos de comida no prato; e) o costume de comer pão quente era prejudicial à saúde (KALLEY, 2005, p.82-85).

É interessante atentar que estas transformações nas formas de habitar contribuíram para a construção do “caminho da civilização”, da “ordem” e do “progresso”. Chalhoub (1996, p.29, 33, 35) analisou esse movimento como o surgimento de uma “ideologia da higiene” na administração pública da cidade na corte imperial. Assim sendo, as “classes pobres” eram as “classes perigosas” não apenas porque podiam oferecer problemas para a organização do trabalho e a manutenção da ordem pública. Porque os “pobres” ofereciam também perigo de contágio literal, pois as suas habitações coletivas (os cortiços) eram focos de multiplicação de epidemias e lugares férteis para a propagação de vícios de todo

tipo, sendo assim uma ameaça constante às condições higiênicas da cidade. Nas primeiras décadas de 1850/60, na corte imperial, a política de controle social dos pobres contemplava a necessidade de melhorar as condições higiênicas dos cortiços, mas isto mudou a partir de 1870 para uma política de extermínio dos grandes cortiços e de expulsão das “classes pobres” / “classes perigosas” das áreas centrais da cidade do Rio de Janeiro.

Nos capítulos seis e sete, Kalley (2005) ensinava as mulheres acerca da *necessidade de um corpo e vestuário limpo*. Destacou a necessidade da limpeza do corpo inteiro como sinal de pertencimento à “terra civilizada”. A missionária adentrou nos pequenos detalhes, como: a) o do banho de água fria todas as manhãs; o cuidado com o cabelo, não somente quando saísse à rua, mas em mantê-los sempre limpos; b) as crianças deveriam lavar a cabeça logo pela manhã no banho; c) os dentes deviam ser a cada manhã limpos, sendo bem escovados; d) as unhas deveriam estar sempre limpas e curtas; e) destacou o quanto na Bíblia Deus intencionava promover na alma humana uma higiene espiritual semelhante ao lavar-se com água limpa. Tratou que da mesma forma que o corpo necessitava ser “*lavado e refrigerado todos os dias pela água natural*”, a alma necessitava diariamente de limpeza e purificação espiritual.

Quanto ao vestuário, Kalley contou uma história para dizer às mulheres que não deviam se preocupar primeiramente em vestir roupas novas e utilizar muitas jóias, mas, sim, com o “asseio” e a “limpeza” como os mais “belos enfeites”, tanto para as mais pobres e como para as ricas. Esse cuidado de si era para proporcionar a felicidade do outro; no caso, agradar ao seu homem em todos os momentos da vida. Partia da norma de que o homem necessitava “*de uma companheira que lhe seja agradável todos os dias e a todas as horas*”. Para tanto, a missionária ofereceu alguns princípios a serem obedecidos: a) que muitas misérias eram resultantes dos “excessos” e “loucuras” que se faziam para aparentar um luxo do vestuário superior à riqueza e posição que cada qual tinha no mundo, procedimento por ela definido como “falsidade”; b) um rasgão em um vestido era qualificado como “feio”, mas um remendo bem colocado não era “desonroso”; c) era um mau sinal quando a roupa por fora estava nova e enfeitada, e a de dentro, velha e sem préstimo; e) a cada mulher, desde menina, devia-se ensinar a cortar e fazer toda a roupa, tanto masculina como feminina (KALLEY, 2005, p.86-91).

Pensamos semelhantemente a Costa (1983, p.130), quando ressalta que esta preocupação de ser “civilizado” e “moderno” também buscou o cuidado com a forma higiênica, saudável e cuidadosa de se vestir e manter o corpo. Provocou, assim, um distanciamento definitivo das famílias das “classes ricas” e as das “classes pobres”, que continuavam marcadas pelo descuido com as vestes íntimas e do corpo. Esse controle higiênico da veste era um privilégio das classes que dispunham de recursos para adquirir a diversidade de roupas prescritas. As diferenças de classe também eram expressas pelo uso de vestes limpas, além do corpo bem apresentado, com muita limpeza.

No capítulo oitavo, a missionária orientou as mulheres sobre *a necessidade de ser a enfermeira da família*. Ressaltou que a enfermeira era mais necessária a um doente do que o médico. Assim, a mulher deveria ter experiência e conhecimento no tratamento da família em doenças passageiras como “constipações, indigestões, etc.”. Mas, se qualquer membro da família estivesse muito doente, a mulher deveria chamar logo o médico, e só ofereceria remédios fortes sob orientação de um médico de “confiança” e de reconhecida “inteligência”. Destacou a importância de evitar o charlatanismo em medicina, e de seguir os conselhos de pessoas que apresentavam um saber popular nas artes de curar com suas “receitas infalíveis”, mas que, na verdade, eram ignorantes no saber “verdadeiro” e “científico”. O fundamental para evitar toda doença era o uso de uma comida simples e bem cozida, com verduras frescas; comer no almoço o suficiente, jantar com “temperança” e ingerir pouco ou quase nada à noite. Também era recomendável conservar a pele bem lavada, com sabão e bastante água; fazer exercícios durante o dia e dormir em lugar arejado. Tomando-se esses cuidados, segundo a missionária, não seriam necessários médicos ou remédios.

Em seguida, Kalley apresentou os deveres no tratamento dos doentes: a) se a doença fosse contagiosa, o doente deveria ser colocado em lugar reservado da casa; b) o cuidado com o asseio do doente e da casa deveria estar sempre em evidência; c) a roupa de cama sempre deveria ser trocada; os pés do doente deveriam ser conservados quentes; os remédios deveriam ser administrados nas horas marcadas, e a comida do paciente também merecia atenção; d) o cuidado com as mães também era digno de nota, não sendo recomendável que elas se apressassem em levantar-se cedo demais após um parto ou qualquer doença. A missionária apresentou uma imagem de Deus como o médico do ser humano, que o conhece perfeitamente, e a Bíblia como manual de “receitas infalíveis” para a saúde da alma (KALLEY, 2005, p.92-94).

No penúltimo capítulo, Kalley aborda a *necessidade de tratamento dos filhos pela higiene do amor*. Primeiramente, a mãe deveria governar o seu próprio espírito com paciência, para que a criança não aprendesse o “mau gênio”. Em seguida, apresentou o “asseio diário” da criança como uma questão fundamental, com horário certo para o banho e o vestir, depois a comida. Aconselhou sobre a necessidade de evitar que as crianças comessem e bebessem muito, além de recomendar a proibição de doces. E, para diminuir o trabalho das mães, a missionária buscou elucidar como estas deveriam atentar para o fato de que “as crianças são mais felizes e mais sadias, quando, desde, o princípio, aprendem a cuidar de si”. Kalley alertava para que as mães não gritassem com os filhos, mas ensinassem-nos que em seus lábios “sim e não são verdades absolutas.” Dever-se-ia ainda evitar castigá-los com irritação, porque assim os filhos não aprenderiam que estavam sendo castigados para o seu próprio bem. Aos filhos deveria ser ensinado o hábito do asseio, porque “um filho sujo é uma vergonha para os pais”. A missionária considerava ainda a importância de que as crianças aprendessem a guardar os seus

brinquedos, lavar as mãos, dobrar sua roupa, manter um comportamento decente à mesa e ficar quietas quando os mais velhos estivessem falando.

Para Kalley, era mais importante as crianças aprenderem a se comportar diante dos outros do que ostentarem grandes conhecimentos oriundos de livros. Na medida em que fossem crescendo, dever-se-ia proporcionar a elas pequenas ocupações, para preencher o tempo de forma saudável ao ajudar a mãe, caso contrário as crianças poderiam ser instrumento do mal, porque *“Satanás acha sempre algum emprego mau para as mãos vazias”*. A mãe deveria fazer da casa o lugar mais feliz do mundo para os seus filhos, tornando a vida cotidiana uma instrução diária dos filhos. Desse modo, afirmou a necessidade de sempre recorrer ao ensino e auxílio divino na educação daqueles que são *“preciosas dádivas do seu amor”*. A leitura de Sarah acerca da importância da assessoria das mães residia no fato de que se elas não educassem os filhos nas tradições protestantes na edificação da casa como lugar de “harmonia” por causa da presença divina. As mães arcaíam com a culpa de não viver o dever do amor maternal estabelecido pela natureza divina e os filhos se tornariam instrumentos do pecado, como “demonizados” (KALLEY, 2005, p.92-94).

A escrita de Sarah Kalley foi produzida num contexto em que convergiam esforços das famílias, das instituições educacionais, da igreja e dos médicos, para que a educação colaborasse para a construção social e corporal dos sujeitos, promovendo transformações nos valores, comportamentos, princípios e habilidades, com a modelagem das posturas e gestos que eram normais para o masculino e o feminino. Nas escolas, as meninas eram educadas para a função de mãe e esposa, para que utilizassem os seus conhecimentos dentro dos lares, nos limites da sua missão, elevando a maternidade a um tributo de majestade, orgulho e felicidade. A sua missão de mãe representava a renúncia de suas vontades, desejos e sonhos, para que fossem compensados pela satisfação e felicidade da família (MATOS; ALVES, 2006, p.181-183).

É importante pensarmos de acordo com o pensamento de Costa (1983, p.171-204, 219, 234, 240, 255), segundo o qual o discurso médico-higienista também abrangeu as relações entre pais e filhos. Temos assim um movimento em que a infância foi cultivada através de uma normalização do espaço físico, tanto da casa como da escola, para instituir novos hábitos sadios de trabalho, do corpo, da moral e do intelectual, na produção de um cidadão moderno, higiênico e burguês. Nas relações entre marido e mulher, Kalley deixa entrever um casal que tem compromisso com os filhos. O cuidado com a prole é vista como paradigma da união conjugal, sendo o amor usado como traço de separação da natureza feminina e masculina. Resultou da preleção da missionária a representação do “pai higiênico” como funcionário do Estado, que deveria dedicar o melhor de suas forças em prover a subsistência material da família, contribuir para a reprodução física da raça e desenvolver o patriotismo da sociedade. A “mãe higiênica” foi retirada do confinamento doméstico, liberada para o convívio social e o consumo comercial.

Desse modo, a mulher foi reintroduzida na família, convertida pelo amor ao marido e aos filhos e liberada para o consumo de serviços médicos, em condenação à mulher “mundana” e “prostituta”.

Para compreendemos melhor essa representação da “mãe higiênica” e do “pai higiênico” na naturalização das relações de gênero como uma leitura reducionista do feminino e masculino, quando Kalley (2005) disserta acerca *das relações do marido e da mulher estabelecidas como de natureza divina*. Partiu da ideia de que a mulher necessitava cultivar as virtudes do “sofrer” e do “tolerar”, na produção de um casamento e de um lar repletos de paz e contentamento, como um “pedaço do céu”, não importando se o casal residia em uma casa pobre ou rica. Contudo, a missionária asseverava que muitas vezes a casa era um lugar “mundano” e “infeliz”. A missionária considerava a mulher como a principal culpada disto, porque a casa era seu império, tendo então a responsabilidade *de “convertê-la e conservá-la como região de paz e alegria”*. Delimitou, assim, que o espaço que pertencia ao marido era o do mundo público e da rua, sendo justificável que ele ficasse poucas vezes em casa durante o dia. Quando ocupava mais o espaço privado, era por causa do seu trabalho.

Em seguida, apresentou algumas normas para que a mulher vivesse a sua “natureza divina”: a) cada mulher deveria sentir que, aos olhos de seu marido, cumpria-lhe mostrar-se mais agradável do que aos de outro qualquer no mundo. Kalley afirmou que esse desejo de agradar em tudo ao marido evitaria *“os desgostos entre os casados”*; b) a mulher deveria ser limpa e bem arranjada em sua própria pessoa e vestidos; c) o trabalho deveria ser feito em tempos determinados para cada serviço, a fim de que o marido não fosse incomodado. Desse modo, a mulher necessitava acordar cedo e planejar em sua mente, de forma clara e precisa, os trabalhos do dia, sem perder tempo para se dedicar a conversas inúteis na janela; d) nos dias de lavar a roupa, a mulher deveria ter o cuidado de terminar esta tarefa antes de o marido voltar, porque eles se *“desgostam de achar as mulheres mergulhadas na água e no sabão.”* O feminino foi aqui reduzido à determinação da “natureza divina” de ser “boa esposa”, através da busca da satisfação dos desejos e vontades do marido. A missionária alertava, entretanto, que a mulher deveria ter o cuidado de não permitir que seus trabalhos a impedissem de tratar o marido com “asseio”, porque definiu como o “melhor e certo” não apenas ser “boa lavadeira” e “boa costureira”, mas uma *“boa companheira daquele que a escolheu para esse fim”*.

Kalley atentou que a esposa cuidasse bem da roupa do marido, para que ele não se irritasse. Reafirmou, na perspectiva de sua tradição protestante, que a lavagem e a costura de cada semana não deveriam ser feitas aos sábados, porque era o dia de preparar a casa e a comida para o “bendito descanso do domingo”. Aqui, demarcou que os gestos apropriados no dia de sábado se restringiam a bem cedo dar “um banho geral e minucioso a cada filho”, pois eles precisavam estar bem preparados para o domingo, representado como “o melhor dia de todos” e o “dia

de amor”, reservado para as famílias fazerem cultos para conversarem com tranquilidade *“das cousas de Deus e de suas almas”*.

A missionária justificou que muitos maridos frequentavam bares e casas de jogo porque não achavam “conforto” em suas próprias casas, e a culpa disto era da “loucura” das mulheres, que não cuidavam do *“bem-estar e satisfação deles”*. Portanto, os maridos não eram propriamente “maus”, mas apenas mal assessorados pelas mulheres. Ao mesmo tempo, apresentou os deveres dos maridos, com a legitimação de uma masculinidade hegemônica e a exaltação da feminilidade a reclusão do lar: cabia ao homem tratar a esposa com o devido respeito e consideração, não a reduzindo à condição de “escrava”. Ele deveria ainda reconhecer o trabalho da esposa no cuidado da casa e ter cuidado com as “palavras frias e duras”. Os maridos deveriam saber que as esposas, por sua natureza, necessitavam ouvir e ver as provas de que eram amadas. O discurso da missionária denota os homens como mais fortes, tendo o dever de auxiliar as mulheres nos trabalhos da casa e dos filhos em momentos de “doença” e “tristeza”.

Kalley ofereceu conselhos aos homens e mulheres solteiras, de que só deviam se casar se tivessem o “caráter” e a “personalidade” formada para decidirem bem sobre o casamento. Ressaltou que muitas misérias nasciam quando um homem ou uma mulher se casavam cedo demais, evocando a lembrança de que o casamento *“é para toda a vida”*, e que necessário era aos homens ter condições financeiras para sustentar a família. Apresentou os perfis ideais de um homem para as mulheres se casarem: *“1º) De boa saúde; 2º) De coração amante; 3º) De juízo claro; 4º) De gênio pacífico; 5º) De hábitos industriais; 6º) De amor verdadeiro pelo único Salvador Jesus, que a levará a sujeitar-se em tudo à sua santa vontade”*.

Por último, Sarah legitimou que essas relações amorosas entre o marido e a mulher deveriam ser experimentadas conforme a natureza de cada um, com a seguinte caracterização: a da mulher reservada ao espaço do privado para viver em cordialidade, submissão e dedicação alegre aos seus amores: Deus, o marido e os filhos, para que o lar assim fosse um lugar de paz. Quando isto não acontecia, a mulher tornava-se a culpada por não cumprir bem a sua missão. Ela só poderia ocupar o espaço público se, tão somente, administrasse melhor o seu “império”. A natureza do homem era reservada ao espaço público, da rua e do trabalho, com o dever de ser terno, paciente, bom, forte e superior em relação à sua esposa. O símbolo da união do homem com a mulher era a relação entre Jesus Cristo e a companhia dos convertidos, que formavam a “igreja” (KALLEY, 2005, p.99-103).

O que não podemos deixar de olhar mais uma vez é que essa escrita tem múltiplas relações com o higienismo-sanitarismo implantado em variadas partes do Brasil, em que a educação feminina ganhou destaque como um movimento de conscientização das mulheres da sua importante “missão”: cultivarem a sua natureza moral de integridade, recato, submissão e amadurecimento do caráter. A natureza da mulher fazia com que esta fosse adquirindo, assim, uma estrutura e caráter firmes, para que exercesse a função de mãe e esposa com os seguintes

perfis femininos idealizados: estruturada, higiênica, ordeira, econômica, laboriosa e prendada. Advém daí a necessidade da educação para as mulheres, pois se pensava que elas eram conduzidas com muita facilidade para o “*desvio da sua missão*” através da irracionalidade, emotividade, sensibilidade e impulsividade. Por isso, justificava-se a atitude de discipliná-las nestes ideais naturalizados (MATOS; ALVES, 2006, p.183-184).

Essa escrita de Sarah Kalley como missionária protestante, que estabelecia juntamente com seu esposo, Robert Kalley, a Igreja Evangélica Fluminense, buscou produzir nas mulheres da primeira igreja protestante congregacional no Brasil uma educação feminina com imagens idealizadas de quais deveriam ser os gestos, os comportamentos, os pensamentos e a organização do cotidiano. É importante reafirmar que compreendemos a sua escrita, em suas imagens, como uma construção de tradições protestantes. Estas foram sendo apropriadas em movimentos de repetição e resignificação, até de forma inconsciente, pelas mulheres e homens participantes das igrejas congregacionais estabelecidas. O parâmetro para estas igrejas era a Igreja Evangélica Fluminense, havendo, assim, a regulação de valores e comportamentos ideais de mulher e homem protestante, em condenação para as relações de gênero em sua diversidade.

2. Iraci Silva de Mendonça e o “*Memorial de José Quaresma*”

A escrita de Iraci Silva de Mendonça é compreendida aqui como uma escrita de si, em que a identidade da autora e do texto foi uma criação simultânea. Ela lançou em 2007 um livro de memórias, com o fim de erguer um memorial ao seu esposo, José Quaresma de Mendonça, em comemoração aos cinquenta anos de ministério como pastor congregacional. Nesta obra, Mendonça incluiu a produção de variadas representações femininas e masculinas protestantes.

Primeiramente, Mendonça (2007) afirmou que esta escrita era uma das coisas mais importantes de sua vida, por tratar de sua infância, do esposo e dos filhos. Destacou o seu sentimento de plena realização, tendo feito uma produção “honesto” e “simples”. Enfatizou que sua simplicidade era resultante de sua fé em Jesus, uma vez que proporcionou um “*renascer para uma nova vida*” da sua família e por tratar de “*experiências vividas no [...] lar e no Ministério Evangélico*”. O livro fala sobre o ministério do seu esposo, que ela considerou uma “jornada,” construída em conjunto com a esposa. Mendonça definiu a si mesma como a melhor testemunha para fazer uma descrição “fiel” das “*horas, dias, meses, e anos, compartilhando de todos os desafios que juntos [enfrentaram]*” (MENDONÇA, 2007, p.15-16).

No capítulo intitulado *Começo de uma longa história*, a autora fez uma apresentação de José Quaresma de Mendonça (nascido em 08 de setembro de 1926, como filho de Inácio Quaresma de Mendonça e Maria Regina de Mendonça. Mesmo sem viver na fé protestante, os pais educaram os filhos num “*padrão de*

vida regular”, mas a transformação na família aconteceu quando receberam “*Jesus como Senhor e Salvador*”. Mendonça instituiu uma representação de José Quaresma como um menino que aos 14 anos era um “*padrão em obediência, trabalho e cooperação*”. Completou essa representação de Quaresma como um “padrão” com a lembrança de que, aos 17 anos, na Igreja Evangélica Congregacional, ele sentiu o chamado para ser pastor. No dia em que pregou numa congregação fora da cidade e houve a conversão de 08 pessoas à fé protestante, com o batismo posteriormente de seis, cresceu o seu sentimento de que era chamado por Deus. A autora apresentou a si mesma como filha de Francisco Severino da Silva e Maria Olivia da Silva, que também se converteram na Igreja Evangélica Congregacional. Interpretou a morte de sua mãe como um “*convite de Deus para morar no céu*”, e destacando que ela, aos cinco anos de idade, e sua irmã, Eunice, já sabiam que Jesus era o seu Salvador. Mendonça cresceu nessa igreja, e aos 15 anos foi professora de sua primeira classe de crianças, sendo batizada pelo pastor João Clímaco Ximenes.

Sobre José Quaresma, modelo de jovem protestante, destacou a necessidade “*de realizar o desejo natural de todo jovem, o de casar-se*”. Descreveu que Quaresma, aos 17 anos, era um jovem forte, formoso e cobiçado por muitas jovens da igreja. Então, a autora construiu uma imagem de si como a única que não se envolvia nesta concorrência amorosa, mas “*era justamente a preferida dele (eu, Iraci)*”. Mendonça se auto-descreve como uma mulher discreta, rosto firme, personalidade forte, dedicada ao serviço de Deus “*e por que não dizer: muito bonita também!*”. Os dois participavam do Coral da Igreja, moravam no mesmo bairro e tinham quase a mesma idade. Mas destacou que, na arte do olhar, com o exercício de um olhar diferente, nasceu o amor entre eles.

Na escrita sobre o seu casamento, no dia 25 de janeiro de 1945, quando tinham apenas 19 anos, a autora tratou da sua imagem do casamento como reafirmação da dedicação a Deus, à Igreja e ao marido. Lembrou que a cerimônia foi simples e a realização do primeiro culto doméstico se deu com a leitura do Salmo 23. Nesse culto, de joelhos, fizeram uma aliança de consagração a Deus, como também “*de amor e fidelidade de um para com o outro*”. Destacou que teve cinco filhos, sendo três homens e duas mulheres, que foram educados na fé protestante e que nela ainda permanecem. Reforçou o seu espaço e a imagem idealizada de mulher protestante, dedicada de forma contínua, em ser colaboradora do esposo através da missão de mãe dos filhos “*biológicos e dos espirituais*”. Reafirmou que, depois do casamento, sua vida poderia ser confundida com a vida e obra do seu esposo. Em suas memórias, constatamos a sua presença atuante em cada departamento feminino das igrejas pastoreadas pelo marido, além de uma participação comprometida na direção das reuniões de oração, estudos bíblicos nos lares, eventos evangelísticos e cívicos nas cidades em que residiu o casal: Campina Grande, Patos, Guarabira, Caruaru e Santa Cruz do Capibaribe (MENDONÇA, 2007, p.16-20).

Em seguida, no capítulo *Experiência de Quaresma como motorista e evangelista da Missão Evangelizadora do Nordeste*, Mendonça lembrou que com três anos de casados o pastor João Clímaco Ximenes convidou Quaresma para trabalhar como presbítero, e depois como evangelista⁴. Reafirmou o quanto seu esposo foi um modelo de homem protestante, porque mesmo quando era evangelista, tinha o respeito de todos como um “pastor ordenado”. Nesse tempo, trabalharam nas igrejas das cidades de Ingá, Serra Verde e Juá, que pertenciam à Missão Evangelizadora do Nordeste. Sobre esse momento, enfatizou as experiências difíceis, “*como a falta de quase tudo, menos coragem para trabalhar*”. E, dessas dificuldades, a autora fez uma leitura de que a vida deles e do filho, Janildo, fora um “céu”, pois Deus não abandonou a sua família. Lembrou que conseguiram comprar uma máquina de costura, e com isso economizaram dinheiro: “*pelo menos nossas roupas eram feitas por mim*”. Mais uma vez, Mendonça teceu uma imagem de si e do esposo como protestantes que viviam em humildade, sem reclamação pela falta de recursos materiais, pois Deus implantou neles algumas virtudes, entre elas a de nunca cobiçar “*riquezas de ninguém, casa bonita, móveis, carros e coisas assim, e, por tudo que entrava em nossa casa, dávamos graças a Deus*.” A autora promoveu uma invenção de si e do esposo como duas pessoas destituídas de apego aos bens materiais, através de um contentamento, mesmo com as dificuldades financeiras, estando dispostos a trabalhar pelo bem da família. Assim, a narrativa elaborou uma sacralização do casal como encarnação das normas divinas na configuração de uma feminilidade e masculinidade ideal.

Desse modo, Mendonça legitimou uma imagem de si segundo a qual o mais importante era o trabalho de evangelização, o marido e os filhos. Quando voltaram para Campina Grande, passaram um tempo em outras atividades, mas, como “servos de Deus”, esperaram os seus novos planos e desígnios “*em silêncio e abnegação*”, sendo estes gestos ideais e normatizados. Quaresma recebeu como desígnio divino outro convite do pastor João Ximenes para trabalhar na Missão Evangelizadora do Nordeste. O pastor reservou uma casa pequena no terreno da Igreja Congregacional de Campina Grande, onde nasceu a filha Jacy, e associou o gosto da criança desde pequena pela Igreja. Afirmou o quanto o pastor Ximenes gostava do casal, representado como “nosso pastor”, e destacou que Quaresma, “*além de ser motorista, era um evangelista de mão cheia e ainda era seu companheiro*.” Uma questão reiterada na escrita de Mendonça consistiu na sua leitura de que todos os gestos, passos e caminhos escolhidos por eles eram

4 [□] Os oficiais de uma igreja congregacional são de três tipos: pastor, presbítero e diácono. O pastor exerce as funções de presidente da igreja, com a responsabilidade de sua doutrinação. Os presbíteros e diáconos são oficiais de função restrita, eleitos e ordenados pela igreja para auxiliar o pastor. O evangelista é consagrado para exercer atividades de evangelização itinerante nos campos organizados pela igreja. Cf. PORTO FILHO, 1982, p.31.

resultantes de “planos divinos”, como, por exemplo, o de morar em Recife, quando trabalharam no Instituto Talita (uma escola e orfanato), em que viviam entre cem pessoas, crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Tal escrita nos remete às tradições protestantes, na busca de um ideal de mulher e família, pautado pela religião e teologia cristã patriarcal, com a representação da mulher como esposa, mãe e dona de casa. Cabia à mulher a funcionalidade de lutar para manter o casamento estável, o lar tranquilo e harmonioso, além de zelar pela educação dos filhos, para torná-los piedosos, honestos e trabalhadores. Sendo o protestantismo um código normatizador para homens e mulheres, cabe, todavia, a elas a reprodução e perpetuação dos gestos, dos códigos e atitudes de submissão à opressão religiosa. A mulher realiza o seu papel legitimando a missão sagrada de ser esposa, mãe e dona de casa, como uma questão transcendente através da divinização e naturalização de certas atitudes, gestos e jeitos de ser mulher. Esse processo vem desde a infância: ela é educada à missão do amor, da doação, de estar sempre pronta para sacrificar-se pelo bem, pela tranquilidade, pela harmonia e pureza do lar (GIERUS, 2006, p.50-52, 60).

Em Recife, José Quaresma estudou no Seminário Teológico e se formou pastor. Mendonça reafirmou o quanto o seu esposo tinha “dom” e “unção” divina para exercer o ministério. O casal implantou a Igreja Evangélica Congregacional em Macaxeira e construiu uma imagem dos membros da igreja como “trabalhadores e fiéis”. O bairro foi evangelizado na fé protestante e a autora destacou a prioridade deles como casal no trabalho da igreja: *“porque nós sempre gostávamos de colocar a Igreja para trabalhar e evangelizar nas ruas e, assim, o povo aprendia a ir para o Templo e, nele reunido, se convertia e aprendia como ser cristão e adorador do Senhor.”* Lá também formaram um “pequeno coral” e narrou o quanto sua filha Jacy com apenas seis anos *“se introduzia no nosso meio”*. Nasceram dois filhos em Recife: José Júnior e Jânio. A autora falou ainda o quanto Janildo, o filho mais velho, com 10 anos, na ausência dos pais, era o responsável pela casa e realizava o culto doméstico com os irmãos antes do café da manhã. Ele prestava relatório aos pais dos acontecimentos da casa e da disciplina que aplicava aos irmãos através de “cascudos”, procedimento que, para Mendonça, era exercido “nas horas necessárias” (MENDONÇA, 2007, p.21-24).

No capítulo intitulado *Avanço missionário*, tratou do retorno para Campina Grande com José Quaresma, *“não apenas ungido por Deus, mas também com Formação Acadêmica”*, com o fim de trabalhar novamente com as igrejas da Missão Evangelizadora do Nordeste durante quatro anos. Aqui mais uma vez a autora reafirmou que nesse tempo seu esposo era realmente “Reverendo Quaresma”. Ele pregava o evangelho para as pessoas mais pobres nas feiras livres e distribuía Bíblias em lugares marcados por aquilo que considerava “ignorância” ao evangelho, pois o maior prazer do casal era fazer com que o evangelho na perspectiva protestante fosse conhecido pelos “pecadores perdidos”.

Quaresma fazia muitas viagens para visitar variadas igrejas. Mendonça confirmou sua imagem de mulher protestante segundo a qual pensava ser “mero reflexo” das normas, de que, nesse “teatro da memória”, assumiu o papel de missionária do lar, pois os seus quatro filhos eram totalmente dependentes, mas o mais velho, Janildo, contribuiu “na disciplina dos menores”. José Quaresma ficava apenas dois dias da semana com a família, mas, mesmo assim, segundo Mendonça, todos eram satisfeitos por saber que ele realizava um grande trabalho, que era fruto do “desígnio divino”. Com eloqüência, Quaresma convencia as pessoas com “*as verdades da Palavra de Deus*”. Nessa imagem de missionária do lar, a autora relatou que “*alimentava espiritualmente os seus filhos*” através da obediência às seguintes normas: o culto doméstico, a participação das reuniões da Igreja, a crença e a obediência à Palavra de Deus (a Bíblia), o respeito aos pastores, aos oficiais (presbíteros e diáconos) e aos irmãos da Igreja. Nessa educação protestante dos filhos tinham o fim de produzir “*o lar como uma verdadeira Igreja em miniatura*”. Falou da sua abnegação e sacrifício em tornar-se missionária do lar, hospedava as esposas dos evangelistas e irmãos das congregações do interior que precisavam de ajuda médica com consultas, remédios e outros benefícios urgentes. Lembrou de que com o crescimento dos filhos, ela tinha uma maior responsabilidade e assim renunciou a “*muitas viagens e passeios, não [chegou] a conhecer a maior parte das Igrejas*”. Narrou que fez isso porque tinha consciência do seu papel de missionária na ausência do marido porque era a melhor pessoa para “*cuidar e pastorear a família*” (MENDONÇA, 2007, p.26-29).

É importante destacar que nessas escritas as imagens femininas no protestantismo congregacional foram se constituindo no que Rago (1997, p.61, 62, 75, 90) chamou de “colonização da mulher”, num movimento de sujeição do modelo imaginário de hábitos moralizados, costumes regrados, em contraposição às práticas populares classificadas como promíscuas e anti-higiênicas. Para assim revelar aos populares um modelo de família nuclear, reservada e voltada sobre si mesma no contexto de urbanização e de desenvolvimento comercial que ocorreram nas variadas cidades do Brasil.

Foi assim construído um modelo de mulher, simbolizado pela mãe devota e inteira de sacrifício, que favoreceu a desvalorização profissional, política e intelectual, partindo do pressuposto de que a mulher não existia em sua individualidade. Mas com o dever de esquecer-se deliberadamente de si mesma e realizar-se através dos êxitos dos filhos e do marido. Essa “nova mãe” tem um lugar muito importante na instituição dessa família nuclear “moderna”, em que a mulher torna-se uma mãe vigilante, atenta, soberana no seu espaço de atuação, ela se torna a responsável pela saúde das crianças e do marido, pela felicidade da família e higiene do lar. A casa é considerada o lugar privilegiado, onde se forma o caráter das crianças e se adquirem os traços que definiram os novos trabalhadores do país. Havendo também uma identificação aos modelos bíblicos de mulher no estabelecimento de uma rígida linha de demarcação entre os sexos, assexualiza a

mulher. Essa mulher assexualizada e purificada, deve manter sua castidade mesmo depois de casada, o aspecto sexual só cabe se ligado a idéia de procriação, o direito ao prazer no ato sexual é reservado ao homem, daí a regulação e condenação da sexualidade feminina insubmissa.

Em outro capítulo intitulado “O Senhor forte em poder, pode os santos defender”, Mendonça descreveu o pastor Quaresma como um “valente” e “desbravador” que conduziu muitas regiões e povoados de sua situação de “idolatria”. Esta era promovida em oposição ao catolicismo romano, através do conhecimento do “evangelho” na perspectiva protestante. Nesse momento destacou os conflitos e lutas por representações religiosas diversas. Narrou às imagens que os moradores desses lugares faziam contra os protestantes tachando-os de *“herege, nova seita, bodes e bíblia”*, que estes viviam como “fanáticos na lei” e que os protestantes mereciam ser apedrejados e expulsos do território deles. Esses conflitos são rememorados por Mendonça (2007) destacando que Frei Damião era o “comandante”, em suas peregrinações e missões católicas pelos sertões com o fim de *“exaltar a Igreja Católica e suas nossas senhoras, além de incentivar seus comandados a perseguirem os crentes”*. Lembrou que quando seu esposo era criança, na cidade que seus pais moravam, referindo-se a “esse Frei”, que ordenou aos criadores de gado a não venderem leite aos protestantes. Essa ação preconceituosa e de perseguição resultou na migração de muitas famílias da cidade, *“pois não tinham como alimentar seus filhos menores...”*.

Enfatizou que na companhia de Frei Damião existia outras autoridades da Igreja Católica que *“eram também um verdadeiro terror para os crentes”*, acrescentou que as igrejas eram invadidas durante a realização dos seus cultos como ocorreu, por exemplo, na Igreja Evangélica Congregacional em Guarabira. Nesse culto tinha fiéis de Campina Grande, entre eles José Quaresma o pregador da noite, nessa. *“Os irmãos estavam reunidos harmoniosamente e contritos ouvindo atentamente a Palavra de Deus”*, inesperadamente foram interrompidos por um Frei que entrou no salão acompanhado de uma multidão “inflamada pela cegueira da idolatria” para agredir o pregador. Mas José Quaresma *“revestido de um Poder vindo do Alto fez aquele agressor se calar e ainda ter ouvir as verdades necessárias”*, concluiu que o Frei de joelhos pediu desculpas pelo seu ato e saiu envergonhado, porque buscou atingir *“o indefeso Povo de Deus”*.

Por essa atitude corajosa José Quaresma passou a representar um herói vencedor nessas “batalhas santas” com a verdade da Bíblia. Quaresma, segundo Mendonça, utilizava a Constituição Federal para exercer a liberdade de pregar nos momentos e lugares “apropriados” e silenciava a “voz do inimigo” (MENDONÇA, 2007, p.30-32).

Esses conflitos de representações entre o protestantismo como “verdadeiro” e o catolicismo “mentiroso”, consistem no que Chartier (1990, p.17) denominou de representações construídas nos interesses dos grupos que a forjam, não sendo discursos neutros, mas sim produção de estratégias e práticas com o fim de impor

sua autoridade aos outros. Assim entendemos essas lutas de representações como um campo de concorrências e competições, desses grupos que intencionam sujeitar os fiéis nas malhas da dominação dos seus valores e verdades do mundo.

Em outro capítulo intitulado “Os filhos são frutos do Senhor”, ratificou a sua importância com a responsabilidade de educar todos os filhos na fé. Como seu filho José Júnior que desde criança era seguidor dos passos do pai, pois o acompanhava em suas viagens curtas, auxiliava o pai no controle do som, “*o que fazia com muito orgulho e zelo*”. Salientou que o filho “*era um crente convicto, de primeira qualidade*”, tanto que o seu batismo se deu aos doze anos e interpretou isso como plano divino para que se tornasse um pastor. Continuou em relação ao filho Janildo que aos quatorze anos, na Igreja Congregacional de Campina Grande, era aluno na classe dos adolescentes da Escola Dominical, e não aceitava alguns comportamentos de alguns impetrados por colegas seus que considerava “*falta de respeito e irreverência na Igreja*”. Ele se retirou da classe com o cartão de matrícula e seguiu para a classe dos adultos. Assim os fiéis adultos e experientes lhe apoiaram. Explicou ainda, que mesmo sendo tão jovem tinha o discernimento da vontade divina de que “a Igreja era um lugar de respeito”.

Com destaque para a filha Jacy que quando criança gostava do Coral da Igreja, da Escola Dominical, e aos dez anos disse a sua mãe que se permitisse realizaria na garagem de casa entre, oito a quinze dias, uma escola bíblica para crianças e ela mesmo se encarregaria de convidar as crianças da vizinhança. Para tanto convidou duas missionárias da igreja para ministração das aulas: Maria de Lourdes e Georgina Diniz. Nessa atividade participaram quase sessenta crianças e no último dia de aula muitas mães compareceram e avaliaram que o comportamento dos seus filhos estava em processo de grandes mudanças positivas. Ao ter as suas primeiras aulas de música, se revelou uma instrumentista de acordeom e assim passou a participar da igreja ajudando ao pai nas suas viagens missionárias, aprendendo a sua missão de ser uma colaboradora no serviço de Deus, primeiramente ao lado do pai, quando casada como companheira do marido (MENDONÇA. 2007, p.33).

Nessas lembranças Mendonça inventou sua identidade como escondida em seu esposo e na família em que o espaço disso foi na Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande através da Missão Evangelizadora do Nordeste nos anos de 1927 a 1960. Nas outras partes do livro deu continuidade nessa produção de si como uma identidade permanente e homogênea que foi criada pelos “*desígnios divinos*” num ato constante de apropriação e repetição das tradições congregacionais, principalmente os usos da Bíblia nas igrejas que ocuparam entre as décadas de 1970/80/90 e 2000 na explicitação de outras temporalidades.

Sobre o trabalho na Igreja Evangélica Congregacional de Patos falou que alcançaram com a fé protestante a cidade em 1964, com eventos como o Desfile no Dia da Bíblia. O movimento de renovação espiritual que experimentaram as igrejas congregacionais em 1967, como uma “*revolução espiritual*” que fez nascer uma

“nova igreja”, na qual uma nova interpretação da Bíblia, em relação ao *“batismo do Espírito Santo e os dons espirituais”*. De Patos foram para Caruaru no qual trabalharam em três igrejas congregacionais. Aqui marcou que em todas as igrejas coordenadas pelo seu esposo houve crescimento tanto na disciplina espiritual e material na organização do espaço físico dos templos. Através de atividades que buscavam a evangelização da população como: as concentrações da Semana da Pátria, os círculos de oração dos departamentos de mulheres, dos departamentos de jovens nas festas juninas, outra questão importante foram as comemorações do casamento e ministério. Apresentou o esposo como um modelo de pastor que amava todas as pessoas, a participação dos filhos, o cuidado com a doutrina protestante como “princípios inabaláveis”, que não deveriam ser transformados com a “modernidade”; ou seja, um homem do céu, de oração, preocupado com ordem do culto, de ética profissional e que construiu uma *“família digna, honrada e de bom nome”*.

O interessante é que nessa invenção do esposo conformado nos perfis ideais do homem protestante como um pastor modelo de fidelidade, Iraci também fez de si mesma mulher com perfil ideal: sempre ao lado do marido em todos os momentos com uma atuação marcante em diversas lideranças, mesmo sem ter estudado em um seminário, era considerada pelos fiéis das igrejas uma missionária, não somente do lar, que ela mesmo denominou de “igreja em miniatura”. Uma mulher dedicada ao trabalho, participante do departamento feminino, no Coral das Igrejas, secretária eclesiástica durante 17 anos, professora de Escola Dominical, o prazer em ler e escrever. Descreveu a sua vida como repleta de atividade, e que sua felicidade era está ocupada *“com tudo o que diz respeito às coisas de Deus”* e de todos os trabalhos da sua casa. Mesmo com a idade avançada continua a ter projetos na vida e na esperança da sua realização com permissão divina. Também salientou que mesmo sendo uma mulher com um “jeito sério de ser”, era uma pessoa romântica que gostava de música romântica, *“também de músicas vivas que mexem com a alma e o corpo” e músicas sacras* (MENDONÇA, 2007, p.70).

Outra questão importante nessa escrita são os depoimentos colhidos para concluir esse memorial após a morte de José Quaresma, principalmente as imagens dos pais produzidas pelos filhos, isto é, a instituição de uma imagem fixa de homem e mulher protestante. A filha Jacy Quaresma narrou sua admiração pelo pai desde a infância de como ele era dedicado e obediente a Deus, que a responsabilidade da família e do ministério foram compartilhados por sua mãe, que representa como uma mulher incansável, dedicada, de grande zelo e “admirável mãe coruja” que defendia os “seus filhotes”. Sua mãe não recusou dedicar a vida ao marido na construção em todos os lugares que viveram de *“Altars de Adoração ao Grande e Único Deus.”* Destacou que foi um privilégio nascer nessa família e com os seus dons musicais realizou *“os desejos do coração de meus pais”* e contribuiu durante vários anos no ministério do pai. O depoimento do filho Janildo Quaresma caracterizou o pai como formoso, festeiro, humilde, carinhoso, amigo e exemplo na

família, que “*em suas veias corria a chama viva do Evangelho de Cristo*”. Um “desbravador” que amava Cristo, pregava e doutrinava nas igrejas. Finaliza por agradecer o legado que o pai deixou aos seus filhos e os filhos da fé de que o fundamental era amar “fielmente este Evangelho de Cristo” (MENDONÇA, 2007, p.138, 139, 141).

Pensamos a escrita de Mendonça (2007) como legitimação uma representação da família como “natural” e assim fora da história. Através de construções sociais, culturais e históricas que progressivamente definiu as esferas sexuais e delimitou o espaço de ocupação feminino e masculino. Assim as mulheres eram identificadas pelos perfis da sua fragilidade intelectual, física, sensibilidade emocional, uma natureza fecunda e passiva, sendo preparadas para perpetuação da civilização através da procriação e a criação dos filhos. Enquanto o homem era representado como indivíduo forte que através da sua inteligência e agressividade, deveria exercer a função de provedor, marido fiel, atencioso com os filhos, trabalhador, para assim produzir a civilização (MATOS; MORAES, 2007, p.30).

Nessa escrita pensamos a exaltação de imagens femininas idealizadas e de uma masculinidade hegemônica, com deveres como: Ser uma convertida a Deus, para viver a sua missão conforme as normas da igreja, ao dedicar a vida ao casamento até a morte; Uma relação amorosa marcada pela submissão ao marido, instituindo-se assim uma companheira do marido para todas as coisas, em especial no cuidado e educação dos filhos a partir das tradições congregacionais; Tradições da leitura da Bíblia, participação com fidelidade das reuniões da igreja, respeito às autoridades legítimas da igreja, os cultos domésticos, participação nas atividades de evangelização da igreja em busca dos sujeitos pecadores; Na produção da família como “uma igreja em miniatura” e um “pedaço do céu”.

Portanto, nessas escritas analisamos que as imagens femininas no protestantismo congregacional foram construídas com o fim de sujeitar as fiéis a sua conversão a Deus para uma vida de “pureza”, “submissão”, “obediência” silenciosa as normas com perfis idealizados na missão de boa filha, esposa e mãe. Assim sendo, para afastar os fiéis desse mundo “pecaminoso” era necessário que todos, mas principalmente as mulheres desenvolvessem a vivência diária nas seguintes práticas: reuniões nos lares, escola bíblica dominical, a venda de Bíblias protestantes, o domingo como dia do Senhor, não beber, não fumar e relações amorosas no casamento marcado pela fidelidade. Com a legitimação de um espaço para as mulheres na igreja como companheiras e auxiliares dos homens, principalmente, dos seus maridos, também a condenação das práticas transgressivas das mulheres.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Douglas Nassif. **Robert Reid Kalley**: médico, missionário e profeta. São Bernardo do Campo, SP: Ed. do Autor, 2001.

_____. **Sarah Kalley** – missionária pioneira na evangelização do Brasil. São Bernardo do Campo, SP: Ed. do Autor, 2005 a.

_____. **Cotidiano feminino no segundo império**. São Bernardo do Campo, SP: Ed. do Autor, 2005 b.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro, RJ: DIFEL, BERTRAND BRASIL, 1990.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1983.

GIERUS, Renate. **“Além das grandes águas”**: mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850. Uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas. Tese de Doutorado. São Leopoldo, RS: EST/IEPT, 2006.

KALLEY, Sarah Pouth. A Alegria da Casa. In: CARDOSO, Douglas Nassif. **Cotidiano feminino no segundo império**. São Bernardo do Campo (SP): Ed. do Autor, 2005.

MATOS, Maria Izilda Santos de; ALVES, Gisele. A nova mulher: educando as futuras mães. São Paulo 1850-1900. **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia – MG, v.15, n.18, jan./jul. de 2006, p.173-196.

_____; MORAES, Mirtes. Imagens e ações: gênero e família nas campanhas médicas (São Paulo: 1890-1940). **ArtCultura**, Uberlândia – MG, v.9, n.14, jan.-jun. 2007, p.27-37.

MENDONÇA, Iraci Silva de. **Memorial de José Quaresma**. Campina Grande, PB: Artexpress Gráfica e Editora, 2007.

PEDRO, Joana Maria; SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, nº 54, 2007, p.281-300.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Coleção Estudos Brasileiros; v.90.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. A cultura histórica em representações sobre territorialidades. **Saeculum - Revista de História**. João Pessoa, PB, DH/PPGH/UFPB, 2007, p.33-45.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2005.

PROTESTANT WRITTEN AND GENDER RELATIONSHIPS IN CAMPINA GRANDE – PARAÍBA

Abstract

In this paper we analyze the masculine and feminine representations in Protestantism Campina Grande with reference to the first Protestant church in the city, the Evangelical Congregational Church, in rereading the writing of Sarah Pouth Kalley (2005), at Let Iraci Silva Mendonça (2007).

Keywords: Writings Protestants, Gender Relations and Protestantism.

Recebido em 27 de março de 2011; aprovado em 13 de dezembro de 2011.